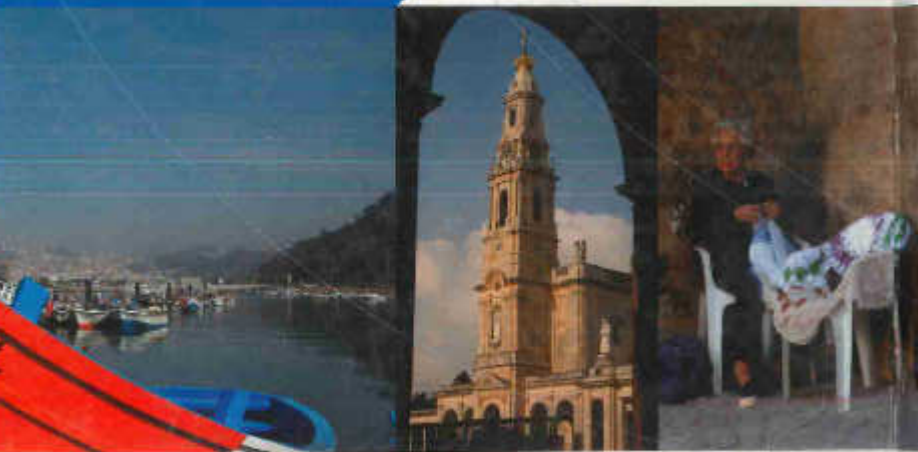




Pensar a Região de Leiria

# Pensar a Região de Leiria



908  
LEI  
49  
A



**iPL**  
INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE LEIRIA



IPL



Actas do congresso pensar a região da Leiria.

Projecto de investigação

**identidade[s] e diversidade[s]**

As linhas com que se cosem as pertenças

908 / 11.21 / 2005

Ricardo Vieira (coord.)

# Actas do Congresso "PENSAR A REGIÃO DE LEIRIA"

Edição compartilhada por  
ESEL – Escola Superior de Educação de Leiria  
IPL – Instituto Politécnico de Leiria  
Governo Civil de Leiria

**Título:** Actas do Congresso "Pensar a Região de Leiria"  
**Coordenação:** Ricardo Vieira  
© 2005, Escola Superior de Educação de Leiria e autores  
**Revisão:** Maura Mendes  
**Edição:** Escola Superior de Educação de Leiria e Edições Afrontamento  
**ISBN Edições Afrontamento:** 972-36-0751-4  
**ISBN Escola Superior de Educação de Leiria:** 972-95207-2-0  
**Depósito legal:** 220289/04  
**Execução Gráfica:** Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira  
Janeiro de 2005



Edições Afrontamento  
Escola Superior de Educação de Leiria

A ADLEI, como um desses actores da busca de identidade e do desenvolvimento sustentado, tem procurado, desde a sua fundação em 1989, elaborar diagnósticos, congregar vontades, abrir espaços de debate e de promoção do exercício pleno da Cidadania. Os seus *Congressos de Leiria e Estremadura* de 1991; 1995 e 1999 foram importantes passos nesse sentido e a colectânea das suas actas um inegável contributo para o estudo da nossa região no final do séc. XX. Fiel aos seus princípios fundadores de independência, espírito crítico construtivo e de defesa dos valores democráticos, a ADLEI busca, hoje, um caminho de adaptação a uma nova realidade talvez com outras exigências, assumindo-se como parceiro interventivo na Região da Alta Estremadura no contexto mais geral e diversificado do Distrito de Leiria. Por isso, temos promovido, com regularidade, debates sobre a mobilidade urbana, sobre o abastecimento de água, sobre as propostas de divisão administrativa, sobre projectos de intervenção urbanística ou sobre os símbolos identitários como o castelo de Leiria; temos pugnado pelo Aeroporto da Ota e pelo TGV, temos acompanhado os projectos de impacto regional como a construção de vias rodoviárias estruturantes, a revitalização da Linha do Oeste, o desejado Programa POLIS de requalificação urbana ou a necessidade de melhorar a estratégia de promoção turística, entre outros. Igualmente, o apoio inequívoco ao funcionamento do CEPAE (Centro de Estudos do Património da Estremadura), o estabelecimento de laços de cooperação com entidades de vocação similar e a participação institucional em vários órgãos consultivos fazem parte deste Plano de acção que visa mobilizar cada vez mais cidadãos para o exercício dos seus direitos de participação e de opinião.

É esta a nossa reflexão, baseada na experiência diária, sobre o papel das Associações cívicas no nosso tempo e no nosso espaço e o seu contributo para o aprofundamento da Democracia.

## A NAZARÉ – UMA SINGULARIDADE CULTURAL NA REGIÃO

*José Trindade*

Antropólogo  
Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Leiria

### INTERVENÇÃO

A Nazaré é uma vila situada na costa portuguesa, cerca de 120 quilómetros a norte de Lisboa. Com uma população residente que ronda os 10 000 habitantes, e que no Verão, com a afluência de turistas atinge perto de 100 000, a economia local vive desde finais do século XIX da pesca e do turismo.

O carácter rude dos pescadores da Nazaré, a dureza das suas condições de vida frequentemente marcada pela tragédia, e uma organização social particular em que a mulher aparece como a protagonista da comunidade, atraiu a atenção de uma elite intelectual, que no fim do século XIX procura no povo a alma que deveria regenerar a nação.

*«O painel do milagre da Senhora da Nazaré, de Almada Negreiros, na Gare Marítima de Alcântara (1945), ou o mural de Paulo Ferreira, "Evocação da Nazaré" (1948), no Museu da Arte Popular, em Lisboa, podem ser justamente considerados no rol das imagens que concentram a riqueza dos símbolos identificadores da comunidade piscatória nazarena e dos valores que se lhe pretenderam associar, durante o Estado Novo. Na obra de Paulo Ferreira, exposta no coração do antigo Império português, a Nazaré assumia-se como um exemplo do que era e devia ser a nação e as suas gentes: um esforço colectivo, que unia homens e mulheres na labuta diária, conjugando o sofrimento com a alegria no trabalho, como preconizava o regime vigente; uma terra abençoada pela Virgem, rica de recursos, que o trabalho transformava em alimento e satisfação.*

*Este imaginário sobre os pescadores da Nazaré, promovido pelo Estado Novo, assente na trilogia do sagrado (a Virgem da Nazaré), do trabalho (o alar das redes na praia) e das tradições (o barco típico local, o traje, as danças populares), além de incutir um conjunto de valores e um modelo comportamental para uso interno, serviu também, pelo menos em parte, de cartaz turístico de um Portugal exótico no mundo contemporâneo. Para o regime, a Nazaré representava um pedaço singular do mosaico que era a cultura e a identidade nacional, que era preciso preservar. Na Nazaré estava presente e autêntico, como um testemunho vivo, o povo que tinha dado novos mundos ao mundo, que desafiava o mar*

*impiedoso sem vacilar, representado também pela imagem dos seus pescadores, de barrete negro e rostos tisonados, simples e trágicos, testemunhas de tantas tormentas, resistindo ao mar e aos avanços da modernidade. Neles, na sua história e nas tradições de que eram portadores residia, em boa parte, a força de Portugal»*

(Trindade, J., Penteado, P., *A Nazaré e os seus Pescadores*, 2001).

O Estado Novo promoverá a construção de uma identidade nacional, assente por um lado nos tipos regionais, onde o pescador da Nazaré, a par da noiva do Minho ou do campino do Ribatejo, entre outros, representam pedaços *sui generis* do mosaico nacional; e por outro, num passado longínquo, de uma herança lusitana, ou nas descobertas enquanto cimento unificador. Servindo de contraponto ao «país aldeia», na expressão feliz de Nuno Portas (cf. Martins, 1937: 36), a Nazaré ocupará um lugar de relevo na propaganda nacional, representando o elo com o passado glorioso das descobertas.

Esta mitificação e folclorização da Nazaré servirá, sobretudo a partir dos anos sessenta, para a construção de uma identidade cultural, não tanto por parte dos filhos dos pescadores, mas sobretudo por parte de uma classe média local que, não vivendo directamente do mar, se apropria de uma identidade e se afirma herdeira de uma cultura piscatória que lhe permite uma identificação do Outro: o *Paleco*, antigamente apenas o homem rural, o saloio, hoje todo aquele que vem de fora.

A este respeito, Sally Cole, numa monografia sobre as relações entre agricultores e pescadores em Vila Chã, refere a cultura piscatória como uma contra-cultura, que se opõe a uma cultura rural dominante. Tal como na Nazaré, os pescadores de Vila Chã são vítimas de uma identificação negativa por parte dos agricultores (Cole, 1994). A realidade social da Nazaré parece oferecer à partida condições capazes de promover a reflexividade e a racionalização sobre as práticas culturais. Os nazarenos têm estado sempre expostos aos discursos que os outros fazem sobre si, quer através daqueles que viram nele o bom selvagem rousseauiano: estrangeiros, gente da cidade, intelectuais e artistas, que o fotografaram, pintaram, sobre ele escreveram, e até dele fizeram artista de cinema;<sup>1</sup> o Estado, com a capacidade e os instrumentos para legitimar a identidade e que o promoveu a herói; quer desse OUTRO, o *paleco*, rural, rude como ele, mas que lhe devolve uma identidade negativa, estigmatizada, de cigano ou pézudo.<sup>2</sup>

Para Bourdieu, «os indivíduos e os grupos investem nas lutas de classificação todo o seu ser social, tudo o que define a ideia que fazem de si próprios, todo o impensado através do que se constituem como «nós» por oposição a «eles», aos «outros», e a que se ligam por meio de uma adesão quase corporal. É o que explica a excepcional força mobilizadora de tudo o que diz respeito à identidade» (cf. Cuche, 1999).

Esta realidade, que lhes permite reflectir sobre a sua identidade cultural e a sua especificidade face ao Outro não anula a necessidade de afirmar uma pertença e uma

<sup>1</sup> Veja-se por exemplo o filme "Nazaré", inspirado na obra de Alves Redol, "Fenda na Muralha".

<sup>2</sup> Significa pé-descalço.

diferença. Pelo contrário, «o sentimento de uma injustiça colectivamente sofrida suscita nos membros de um grupo vítima de uma discriminação um sentimento forte de pertença à colectividade» (Cuche, 1999:132).

Esta identidade cultural hiperinvestida de que fala Devereux (Cuche, 1999:132) capaz de camuflar outras pertenças e outras diferenças/desigualdades serve também como um mecanismo social de que a comunidade se serve para apagar a memória desse passado de quase *apartheid* entre pescadores e *pés-calçados*.

A verdade é que o discurso etnocultural cria um espaço de convergência que se sobrepõe às diferenças de níveis de vida e de educação entre os membros do grupo: o juiz, o professor, o comerciante, o pescador e o marinheiro adoptam a forma dialectal dos pescadores para comunicarem, enfatizando as características prosódicas do falejar local, e fazendo uso de uma variedade de expressões que remetem para a *vida do mar*.

Para Barth, a identidade constrói-se e reconstrói-se constantemente dentro no quadro das trocas sociais (Cf. Cuche: 1999: 128).

A construção da diferença que permite pensar o grupo serve-se de marcadores culturais; porque o Outro funciona como o espelho que nos devolve uma imagem negativa do Nós, ele é determinante na selecção dos traços culturais ou marcadores que definirão a diferença. Os discursos identitários acentuam a importância destes marcadores: deste modo, o discurso sobre os nazarenos por parte das populações rurais ignora a realidade de uma sociedade muito heterogénea onde, ao lado dos pescadores, existem outros grupos sociais com os quais os pescadores também mantêm um outro jogo de identificações, em que os marcadores identitários são já diferentes. Neste processo, há um grupo, que na economia das identificações acaba por ser o mais penalizado. Os habitantes do lugar mais antigo da vila da Nazaré, a Pederneira, é no discurso dos pescadores, demasiado rural. Isto leva os nazarenos a excluir os pederneiros de tudo o que tenha a ver com a representação da terra, quer em ranchos folclóricos, quer nos discursos correntes sobre o que é ser nazareno. Isto é sentido como uma injustiça pelos pederneiros. Os pederneiros são vítimas de uma economia do processo identitário, que na selecção dos marcadores da diferença os elimina do discurso identitário.

Um dos temas mais recorrentes na construção da identidade cultural dos nazarenos é a mulher. Por oposição à mulher da pequena classe média local, ou à mulher rural, a mulher do pescador é a verdadeira chefe de família. É em torno dela que a vida familiar gira, e sobre ela recai toda a responsabilidade, desde a gestão doméstica aos grandes empreendimentos, como a construção da casa ou a compra do apartamento, as relações com a justiça, ou com os bancos. O homem pouco se envolve nos assuntos de terra, e quando o faz é na qualidade de acompanhante da esposa. A grande visibilidade da mulher da Nazaré associada a uma personalidade exuberante, por oposição à personalidade mais contida e menor presença na vida social por parte da mulher rural e da classe média serve os propósitos dos discursos etnocêntricos que os vários grupos constroem a respeito uns dos outros.

A gestão do espaço e do tempo como expressões de maior liberdade não se encontra apenas nos discursos sobre a mulher; também a propósito do pescador encontramos a mesma oposição com os outros grupos. Ao contrário da terra, onde a liberdade

de circulação encontra barreiras nos direitos de propriedade, o mar é um espaço de livre acesso. Isto tem importância para a forma como se concebe o espaço e o tempo de trabalho, onde a fluidez substitui as fronteiras rígidas das outras ocupações. Estas ideias tornam-se especialmente manifestas quando um pescador, ou um adolescente que abandona a vida da pesca, procura um trabalho em terra. Ao fim de algum tempo, ele acaba por desistir, incapaz de se ajustar àquilo que por vezes designa de *campo de concentração*.

A construção do Outro é materializada pelos pescadores nazarenos pelo Carnaval. Nesta altura, a comunidade piscatória organiza as *cegadas*, representações de teatro popular, em que se critica tudo o que a moral local considera condenável. Entre as personagens habituais, aparece o saloio, embriagado, de garrafão na mão, recurvado sobre a bengala, coxeando, e falando de uma forma que os nazarenos associam à maneira de falar do rural, trocando os esses pelos xis. É o paleco, o Outro dos nazarenos, ridicularizado naquilo que define a própria condição humana: a postura erecta e a linguagem. Destituído assim da sua humanidade, o paleco representa o oposto do pescador, que na *cegada* é retratado como uma figura que exhibe um porte quase aristocrático, altivo e digno, de voz serena, que enfrentou muitas tempestades, e a quem todos devem render homenagem pela sua coragem e capacidade de sacrifício.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROGGER, Jan (1992), *Pescadores e Pés-Calçados*, Nazaré, Livraria Suzy.  
 COLE, Sally (1994), *Mulheres da Praia*, Lisboa, Dom Quixote.  
 CUCHE, Denis (1999), *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, Lisboa, Fim de Século.  
 LEVI-STRAUSS, C. (1983), *La Pensée Sauvage*, Paris, Plon. [original de 1962].  
 MARTINS, Moisés L. (1996), *Para uma Inversa Navegação: o Discurso da Identidade*, Porto, Edições Afrontamento.  
 SERRES, Michel (1993), *O Terceiro Instruído*, Lisboa, Instituto Piaget.  
 TRINDADE, José; PENTEADO, Pedro (2001), "A Nazaré e os Seus Pescadores: Entre Representações Sociais e Novas Leituras Histórico-Antropológicas", in revista *Oceanos*, n.º 47, Lisboa, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses.

## O PAPEL DO SANTUÁRIO DA NAZARÉ NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES REGIONAIS

*Pedro Penteado*

Arquivista  
 Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo

### Resumo

A identidade social está associada, entre outros, aos contextos geográficos, políticos, sociais, culturais e religiosos no qual esta é permanentemente construída. Saber como se tecem essas marcas de pertença e qual o peso de cada factor nesse processo de desenvolvimento da identidade social constitui um dos mais estimulantes desafios da pesquisa em Ciências Sociais, obrigando ao trabalho conjunto, profícuo, de investigadores de diversas disciplinas.

A comunicação que apresentámos no Congresso de Leiria foi produto das investigações que desenvolvemos há alguns anos em torno da importância dos factores religiosos e sócio-políticos, na Época Moderna, para a construção de diferentes identidades sociais num determinado espaço, a partir do estudo de caso do Santuário de Nossa Senhora da Nazaré. Este lugar sagrado, um dos mais importantes da sociedade portuguesa desse período, desenvolvido sob a protecção régia e procurado por devotos de vários pontos do país, principalmente da região Centro, polarizava um conjunto de referências identitárias que foram objecto de exploração no Congresso. Essas referências constituem, ainda hoje, um património sob o qual se podem elaborar ou rejeitar identificações e memórias sociais na região em estudo.

### PROPOSTA DO AUTOR PARA AS CONCLUSÕES DO CONGRESSO

A investigação sobre identidades sociais na região de Leiria não pode deixar de ter em conta os sucessivos contextos sócio-religiosos nos quais estas são permanentemente construídas. Alguns destes contextos, pautados pela construção de relações identitárias em torno de lugares sagrados, principalmente os que se assumem como centros de peregrinação, possuem raízes profundas e contornos que é necessário averiguar. Deste ponto de vista, o caso do Santuário da Senhora da Nazaré é paradigmático, tendo-se assumido durante vários séculos como um pólo de atracção inter-regiões, desenhando um mapa de pertenças na extensa área que vai desde Coimbra, Leiria, Santarém a Lisboa.